

A TRADIÇÃO E A AUTONOMIA DOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS CRÍTICOS NO BRASIL

THE TRADITION AND AUTONOMY OF THE CRITICAL ORGANIZATIONAL STUDIES IN BRAZIL

LA TRADICIÓN Y LA AUTONOMÍA DE LOS ESTUDIOS ORGANIZACIONALES CRÍTICOS EN BRASIL

RESUMO

O objetivo do artigo é demonstrar a tradição e a autonomia dos Estudos Organizacionais Críticos (EOC) no Brasil e fazer recomendações para manter viva a epistemologia crítica nacional. Para isso, discutimos o movimento Critical Management Studies (CMS) comparativamente aos EOC brasileiros, demonstrando suas diferenças epistemológicas e lançando proposições. Em seguida, apresentamos a metodologia utilizada, indicando congressos e revistas examinados, critérios para a seleção de artigos e a classificação temática aplicada. Analisamos a produção crítica nacional de 1980 a 2008, comparativamente à produção dos CMS entre 1999 e 2007. Concluímos apontando autores brasileiros influenciados por Guerreiro Ramos e Maurício Tragtenberg, fazendo uma avaliação da influência dos movimentos internacionais no Brasil e recomendando pesquisas futuras.

PALAVRAS-CHAVE Estudos Organizacionais Críticos, Critical Management Studies, críticos brasileiros, anarquismo, fenomenologia crítica.

Ana Paula Paes de Paula appaula@face.ufmg.br

Professora do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte – MG, Brasil

Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão carola.maranhao@gmail.com

Doutoranda em Administração pelo Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte – MG, Brasil

Raquel de Oliveira Barreto admraquelf@hotmail.com

Mestranda em Administração pelo Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte – MG, Brasil

Cleiton Fabiano Klechen mestrierei@gmail.com

Graduado pelo Departamento de Ciências Administrativas, Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte – MG, Brasil

Recebido em 30.05.2009. Aprovado em 21.12.2009

Avaliado pelo sistema *double blind review*. Editor Científico: Eduardo P. B. Davel

ABSTRACT This article's objectives are to illustrate the tradition and autonomy of the Critical Organizational Studies (COS) and make recommendations to keep alive the critical epistemology in Brazil. A comparison was developed between Critical Management Studies (CMS) and the Brazilian COS, demonstrating epistemological differences and developing propositions. The methodology is presented, indicating examined conferences and magazines and criteria for defining critical articles and the applied thematic classification. A comparison was done between the national critical production from 1980-2008 and the production of CMS from 1999-2007. We concluded by indicating Brazilian critical authors influenced by Guerreiro Ramos and Maurício Tragtenberg, making an evaluation of the impact of the international movements in Brazil and suggesting future research.

KEYWORDS Critical Organizational Studies, Critical Management Studies, Brazilian critics, anarchism, critical phenomenology.

RESUMEN El objetivo de este artículo es demostrar la tradición y la autonomía de los Estudios Organizacionales Críticos (EOC) en Brasil y hacer recomendaciones para mantener viva la epistemología crítica brasileña. Discutimos el movimiento Critical Management Studies (CMS) comparativamente a los EOC brasileños, mostrando diferencias epistemológicas y enunciando proposiciones. Presentamos la metodología utilizada en la investigación, indicando congresos y revistas examinados, criterios utilizados para la selección de artículos y la clasificación temática aplicada. Analizamos la producción crítica brasileña entre 1980-2008 comparativamente a la producción de CMS entre 1999 y 2007. Finalmente, citamos autores críticos brasileños influenciados por Guerreiro Ramos y Maurício Tragtenberg, evaluamos la influencia de los movimientos internacionales en Brasil y recomendamos futuras investigaciones.

PALAVRAS CLAVE Estudos Organizacionais Críticos, Critical Management Studies, investigadores críticos brasileiros, anarquismo, fenomenologia crítica.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a teoria crítica e o pós-modernismo, abordados por Alvesson e Deetz (1999) no *Handbook de estudos organizacionais* (CALDAS e outros, 1999), vêm ganhando espaço na comunidade acadêmica brasileira. Alguns fóruns e debates ocorreram em revistas nacionais, como a *RAE-revista de administração de empresas* (PAES DE PAULA; ALCADIPANI, 2004; CALDAS; VIEIRA; 2006) e a *Revista de Administração Contemporânea (RAC)* (MISOCZKY; AMANTINO-DE-ANDRADE, 2005a, 2005b; ALCADIPANI, 2005). Além disso, os ENEOs (Encontro de Estudos Organizacionais), em 2006 e 2008, foram marcados por uma forte presença dos estudos críticos e a divisão de Organizações da ANPAD constituiu uma área específica para o tema nos anos de 2007 e 2008, que foi mantida como subtema no ano de 2009.

O crescente interesse por pesquisas nesta temática encontra eco em fóruns internacionais tais como o movimento europeu *Critical Management Studies (CMS)*, que se consolidou como corrente de pesquisa na década de 1990 com as contribuições de Alvesson e Willmott (1992a; 1993), Alvesson e Deetz (1999) e outros autores; nos Estados Unidos, que tem Paul Adler entre seus principais representantes, bem como o recente status de área temática recebido nas conferências da *Academy of Management*; e os estudos críticos sobre a subjetividade e os indivíduos nas organizações, inspirados na psicologia social e na psicanálise, a partir da década 1980, que também se multiplicavam entre pesquisadores franceses e canadenses.

No caso brasileiro, verificamos a existência de Estudos Organizacionais Críticos (EOC) antes da consolidação da corrente na Europa e Estados Unidos: Guerreiro Ramos produziu trabalhos com essas características entre as décadas de 1950 e 1980, e Maurício Tragtenberg, entre as décadas de 1970 e 1990. Além disso, outros acadêmicos brasileiros atuaram na área na década de 1980, desenvolvendo estudos críticos que antecedem o espraio do movimento CMS e que são paralelos aos EOC de língua francesa.

Isso sugere que no Brasil há uma tradição no que se refere aos EOC, ou seja, os acadêmicos nacionais já realizavam trabalhos dessa natureza antes que se constituísse formalmente uma corrente na Europa e nos Estados Unidos. Neste artigo, pretendemos demonstrar que essa tradição é autônoma, considerando autonomia o fato de a base epistemológica dos estudos nacionais ser diferente e até mesmo oposta àquela predominante no movimento CMS. A pesquisa realizada demonstra que, enquanto a

produção do movimento CMS é predominantemente circundada pelo pós-estruturalismo, a produção brasileira sofreu grande influência dos pensamentos de Guerreiro e Tragtenberg, manifestando-se como humanista radical.

Por humanismo radical compreendemos o alinhamento com a fenomenologia e o existencialismo, defendidos por Guerreiro, com o marxismo heterodoxo permeado pelo anarquismo, peculiar ao pensamento de Tragtenberg, e com a Escola de Frankfurt. Por esse motivo, na produção nacional se destacam principalmente temáticas como a autonomia dos sujeitos e a autogestão, que são marginais na produção do movimento CMS, como comprovam os números obtidos na pesquisa. Essas características da produção nacional sugerem que as linhas de pesquisa nos EOC no Brasil tomaram um rumo diferente do europeu, pois entre nós a tradição humanista radical permanece e a crítica pós-estruturalista é escassamente utilizada.

Comprovar que no Brasil há uma tradição de EOC autônoma é importante porque contraria o consenso formado na academia brasileira de que as epistemologias que inspiram nossa produção científica em estudos organizacionais são predominantemente importadas (CARRIERI; RODRIGUES, 2001; VERGARA; PINTO, 2001). Essa preocupação foi colocada por Prestes Motta, que acreditava que uma pesquisa que pudesse comprovar a autonomia dos EOC no Brasil seria fundamental, uma vez que ele temia que a influência do movimento CMS pudesse abalar a tradição nacional, afetando nossa singularidade. Entre outras coisas, Prestes Motta afirmava que a matriz epistemológica dos EOC no Brasil era diferente daquela que inspirou o movimento CMS, de modo que recomendava um levantamento da produção realizada na década de 1980, não somente para comprovar a antecedência dos EOC no Brasil, como também essas diferenças.

No entanto, até o presente momento, apesar de já ter sido reconhecido o pioneirismo dos pensamentos de Guerreiro e Tragtenberg nos EOC, uma comparação entre a produção nacional e a produção do movimento CMS não havia sido realizada, embora ela seja relevante para se fazer uma sistematização das temáticas e das abordagens teórico-analíticas disponíveis para orientar as futuras pesquisas na área. O objetivo deste artigo é realizar essa comparação e sistematização, demonstrando a tradição e a autonomia dos EOC no Brasil e o nível de influência do movimento CMS junto aos estudiosos nacionais, além de fazer recomendações para manter viva a epistemologia crítica nacional.

Na primeira parte, discutimos o movimento CMS

comparativamente aos EOC no Brasil, com base nas leituras realizadas, demonstrando suas diferenças epistemológicas e lançando as proposições a serem verificadas na investigação. Na segunda parte, apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa, indicando os periódicos e congressos avaliados, os critérios utilizados para a seleção dos artigos críticos, bem como a classificação temática aplicada. Na terceira parte, analisamos a produção crítica nacional nos períodos 1980-1989, 1990-1999, 2000-2004 e 2005-2008 comparativamente à produção do movimento CMS nas conferências realizadas entre 1999 e 2007, salientando a tradição e a autonomia dos EOC no Brasil. Na quarta parte, apontamos os autores críticos brasileiros influenciados por Guerreiro e Tragtenberg, bem como fazemos uma avaliação da ascendência do movimento CMS e dos EOC de língua francesa sobre os EOC nacionais. Em seguida, apresentamos as conclusões e recomendações para futuras pesquisas.

CMS VERSUS EOC

No campo dos estudos organizacionais em uma perspectiva crítica, pesquisadores como Alvesson e Deetz (1999), vêm apontando a existência de duas vertentes: a teoria crítica e o pós-modernismo. As noções de crítica defendidas por cada uma dessas vertentes são diferentes e até mesmo opostas, pois a crítica pós-modernista, que vamos tratar como crítica pós-estruturalista, posto que essa crítica se apoia nessa abordagem filosófica e não em uma ruptura epocal, coloca em questão as características fundamentais da crítica defendida pelos teóricos críticos. Não é objetivo deste artigo aprofundar teoricamente as diferenças entre a teoria crítica e o pós-estruturalismo, o que acreditamos deve ser feito em outro trabalho, que aborde exclusivamente esse problema. Com essa diferenciação, pretendemos apontar algo importante para o presente artigo: a oposição entre o pós-estruturalismo, que é a base do CMS, e o humanismo radical, que também permeia a teoria crítica e inspira os principais críticos nacionais.

Em linhas gerais, podemos dizer (PETERS, 2000) que há claras vinculações entre o estruturalismo e o pós-estruturalismo que redundam no rompimento com a filosofia da consciência e na defesa da morte do sujeito autônomo: emerge assim um sujeito descentrado e dependente das estruturas que o governam. Por outro lado, o pós-estruturalismo pretende substituir o “trabalho da dialética” pelo “jogo da diferença”, buscando uma nova noção de crítica, baseada no pensamento de Nietzsche em contraposição ao de Hegel. Ocorre que a filosofia da

consciência, que implica a defesa de um sujeito autônomo e o uso da dialética, é própria do humanismo radical, que nasce na Antiguidade entre os filósofos gregos e romanos e é resgatado no contexto do Renascimento, que considera o homem um sujeito autodeterminado, autoconsciente e autônomo, capaz de refletir sobre sua realidade e fazer as escolhas que moldarão o seu destino. Essa visão humanista vai ser partilhada por leitores de Hegel e de Marx, bem como pelas correntes fenomenológicas e existencialistas da filosofia, que são tradições rivalizadas pelo pós-estruturalismo.

Na pesquisa realizada, analisamos em profundidade a obra dos principais representantes do movimento CMS, com destaque para Mats Alvesson, Hugh Willmott e Martin Parker (WILLMOTT, 1984; ALVESSON, 1987; WILLMOTT, 1987; ALVESSON e WILLMOTT, 1992a; ALVESSON e WILLMOTT, 1992b; ALVESSON e WILLMOTT, 1993; PARKER, 1993; PARKER, 1995; PARKER, 1999; PARKER, 2001; ALVESSON, 2002; PARKER, 2002; WILLMOTT, 2006; PARKER, 2006), cujos trabalhos foram escolhidos para maior aprofundamento pela consistência de sua produção e por sua representatividade junto ao movimento. A leitura e análise desses textos evidenciaram o perfil pós-estruturalista do movimento CMS, que permeia o trabalho dos autores apontados, com exceção de Martin Parker, que faz uma crítica do movimento, posicionando-se como humanista radical. Alvesson e Willmott (1992a; 1993) foram responsáveis pela constituição da corrente dos estudos críticos em Administração na década de 1990, pois tentaram unificar sob a rubrica CMS a análise das organizações em uma perspectiva crítica que vinha sendo realizada esporadicamente desde os anos 1980, evidenciando que havia tradição crítica, reorganizada a partir de então como corrente de estudos.

No Brasil, também averiguamos uma produção nacional crítica antes da década de 1990, e dois autores se sobressaem pelo seu pioneirismo na área. Guerreiro Ramos antecipa-se a várias obras internacionais, pois explicita preocupações típicas do campo dos estudos críticos organizacionais em 1966, com a publicação do livro *Administração e o contexto brasileiro*. O seu livro mais conhecido, *A nova ciência das organizações*, publicado em 1981, teria sido o resultado de 30 anos de pesquisa e reflexão, que passaram pela publicação de *Introdução crítica à sociologia brasileira* (1957) e *A redução sociológica* (1958), conforme o próprio Guerreiro Ramos declara no prefácio. Maurício Tragtenberg, por sua vez, publica em 1956 seu primeiro trabalho de natureza crítica, *Planificação: desafio do século XIX*, seguido pelo artigo “A teoria geral da administração é uma ideologia?” (1971),

e os livros que se tornaram clássicos nos estudos organizacionais, *Burocracia e ideologia* (1974), baseado em sua tese de doutorado, defendida em 1973, e *Administração, poder e ideologia* (1980), que apoiou sua livre-docência.

Essa anterioridade da produção crítica nacional à estruturação do movimento CMS aponta para a existência de tradição nessa área no Brasil, e quando analisamos em profundidade as obras de Ramos (1954, 1963, 1965, 1967, 1972, 1973, 1981, 1983, 1995) e Tragtenberg (1956, 1974, 1976, 1979, 1980a, 1980b, 1981a, 1981b, 1981c, 1981d, 1981e, 1982, 1986a, 1986b, 1987, 1991), também ficam claras suas diferenças em relação ao CMS, apontando para sua autonomia no que se refere ao referencial teórico e epistemológico. Isso porque os estudos críticos no Brasil tiveram sua origem em um corpo teórico humanista, que se manifesta em Guerreiro por meio da fenomenologia de Husserl, do existencialismo cristão de Nikolai Berdiáiev e de leituras dos frankfurtianos, configurando uma fenomenologia crítica, e, em Tragtenberg, no marxismo heterodoxo de Anton Pannekoek, Amadeo Bordiga e Rosa Luxemburgo, bem como na visão anarquista, em especial de Kropótkin. É importante salientar que essas escolhas teóricas e epistemológicas não foram importadas de nenhum autor estrangeiro pertencente ao campo dos estudos organizacionais: Guerreiro e Tragtenberg adotaram essas posturas lendo na fonte os autores anteriormente citados. Assim, quando comparamos os EOC nacionais com a produção do CMS, percebemos que se trata de movimentos cuja base epistemológica é radicalmente oposta, pois o primeiro é eminentemente humanista radical e o segundo é predominantemente pós-estruturalista.

Guerreiro e Tragtenberg também anteciparam em suas obras preocupações com o sujeito nas organizações. Em Ramos (1958), as raízes dessa preocupação se encontram na proposição da redução sociológica inspirada na fenomenologia, que é uma das bases do existencialismo e ganha corpo em seu último livro, que trata da racionalidade substantiva como o fundamento de uma nova ciência das organizações. Já nos livros de Tragtenberg (1974, 1980), há referências precoces à administração da subjetividade que seria promovida pela sociedade da informação, inspiradas por sua visão libertária e emancipatória, que advém das leituras anarquistas que permeiam suas obras. Essas mesmas preocupações também aparecem no movimento CMS, mas é na literatura de língua francesa, também fortemente influenciada pelo humanismo radical, que o assunto ganha maior proeminência, gerando uma série de trabalhos de natureza crítica, onde se destaca o pioneirismo de Enriquez

(1972, 1983, 1992, 1997), além dos trabalhos de Pagès (1976), Pagès e outros (1987) e Dejourns (1987, 1994, 1997, 1999). Como será visto a seguir (Tabela 2), os trabalhos de Pagès e Dejourns tiveram maior influência na produção acadêmica brasileira, especialmente depois das edições nacionais de seus livros, lançadas em 1987.

Assim, os EOC no Brasil podem ter sido inspirados por Guerreiro e Tragtenberg ou realizados em função de seus estímulos para que os pesquisadores brasileiros buscassem uma autonomia intelectual, considerada por eles essencial para o posicionamento crítico. No caso de Guerreiro, esse tipo de estímulo está explícito em suas obras desde a década de 1950 e é central em seu pensamento como sociólogo. Já Tragtenberg realizava essa tarefa tanto em suas obras como no contato pessoal com seus alunos e parceiros intelectuais, como comprovam depoimentos sobre sua vida e obra (ACCIOLY e SILVA e MARRACH, 2001; VALVERDE, 2001). Um exemplo disso é a obra de Prestes Motta (1981, 1986a, 1986b), que se destaca no âmbito da teoria das organizações no Brasil. Conforme declara o próprio estudioso (PRESTES MOTTA, 2001), seu contato estreito com Maurício Tragtenberg foi um forte estímulo na busca de sua identidade intelectual e na geração de trabalhos com uma abordagem crítica.

A análise abrangente de todo o material bibliográfico coletado para a pesquisa e as considerações realizadas nos permitem lançar as seguintes proposições:

- 1) as obras de Guerreiro e Tragtenberg influenciaram os estudos organizacionais brasileiros durante as décadas de 1980 e 1990, fundando uma tradição autônoma de EOC no Brasil;
- 2) há quatro categorias de pesquisadores no campo dos estudos organizacionais críticos no Brasil:
 - os seguidores de Guerreiro, que utilizam seu pensamento como referência em seus trabalhos iniciais;
 - os heterodoxos, que buscam seu próprio caminho de crítica se colocando na contramão das ideias tradicionalmente estabelecidas, a exemplo do que recomendavam Guerreiro e Tragtenberg;
 - os seguidores da corrente CMS, que é mais recente e se baseia nos princípios de seus fundadores;
 - os estudiosos do sujeito e sua subjetividade nas organizações, temática que já era abordada por esses dois autores em suas obras e que foi intensivamente explorada pelos autores críticos de língua francesa a partir década de 1980.

Em seguida, apresentamos a metodologia da pesquisa realizada, para averiguar essas proposições, e analisamos os resultados dessa investigação.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Tendo como ponto de partida essas proposições, desenhamos uma pesquisa nos mesmos moldes do levantamento sobre a produção científica brasileira na área dos Estudos Organizacionais Críticos na década de 1990 realizado por Davel e Alcadipani (2003), que apontou a baixa incidência de artigos críticos na produção nacional, além de algumas de suas especificidades. A diferença entre os dois levantamentos foi o período coberto (1980-2008), a inclusão dos *Anais dos Eneoes* e o foco na área de Organizações do EnANPAD (nos demais periódicos e congressos examinados, foram incluídas todas as áreas temáticas).

Assim, analisamos os mais conceituados periódicos e congressos nacionais nas áreas de Organizações e Administração: *RAE*, *RAC*, *Revista de Administração Pública (RAP)*, *Revista de Administração (RAUSP)*, revista *Organização & Sociedade (O&S)*, *Anais dos Eneoes* (2000, 2002, 2004, 2006, 2008) e área de Organizações do EnANPAD (1981-1982, 1984-1986, 1988, 1989, 1990-2008).

Para classificar cada artigo como crítico, utilizamos os mesmos critérios de Davel e Alcadipani (2003), ou seja, os três parâmetros definidores das fronteiras dos estudos organizacionais críticos: a) a visão desnaturalizada da administração, b) a desvinculação da performance e c) a intenção emancipatória. Os critérios foram operacionalizados pelas mesmas questões propostas pelos pesquisadores, conforme apresentado no Quadro 1.

De 6.450 artigos analisados, selecionamos 515 (7,99%) como sendo críticos. O modo como analisamos os dados se

diferencia um pouco do que realizaram Davel e Alcadipani (2003), pois elaboramos quatro cortes temporais (1980-1989, 1990-1999, 2000-2004, 2005-2008), além de uma classificação temática, definida ao longo do levantamento, que enfatiza um pouco mais a intenção emancipatória, com a inclusão de temas como Autogestão e Autonomia, que são muito evidentes nos estudos nacionais:

- Poder e Ideologia: artigos que tratam de questões como exploração, repressão, relações de poder, dominação e disciplina.
- Autogestão e Autonomia: artigos que enfatizam a questão da emancipação e da autonomia dos sujeitos e grupos sociais.
- Teoria Organizacional: artigos que tratam da epistemologia crítica, das racionalidades que permeiam as organizações e de formas alternativas de analisar as organizações.
- Novas tecnologias e condições de trabalho: artigos que criticam os impactos das novas tecnologias nas condições de trabalho dos indivíduos e grupos sociais.
- Ensino e Pesquisa em Administração: artigos que criticam as condições de ensino no mundo do *management* e o caráter funcionalista das pesquisas realizadas na área, ou propõem formas de pedagogia crítica e pesquisa engajada.
- Crítica do *management*: artigos que criticam o uso de tecnologias gerenciais visando melhoria de performance e mostram os seus efeitos perversos para os indivíduos e organizações.
- Sofrimento físico e psíquico: artigos que criticam o sofrimento humano e a administração da subjetividade a partir de uma perspectiva psicossocial.

Quadro 1 – Critérios de seleção dos artigos críticos

CRITÉRIOS	QUESTÕES-CHAVE
Visão desnaturalizada	A organização e/ou a teoria são tratadas como sendo inseridas em contextos sócio-históricos específicos, como entidades relativas? O discurso organizacional é apresentado como sendo suscetível de falhas, contradições e incongruências? Os aspectos de dominação, controle, exploração e exclusão na teoria ou na prática são revelados e/ou questionados?
Desvinculação da performance	A preocupação com a melhoria de ganhos pecuniários, performance, rentabilidade, lucratividade e/ou produtividade orienta a pesquisa? O conhecimento gerado está submetido às questões de melhoria da performance, eficiência, eficácia e/ou lucratividade?
Intenção emancipatória	Os modos de exploração, dominação ou controle que inibem a realização do potencial humano são identificados, denunciados ou levados em consideração? A emancipação das pessoas e a humanização da organização fazem parte dos objetivos do artigo?

Fonte: Davel e Alcadipani (2003, p. 77).

- Gênero: artigos que criticam a dominação patriarcal, as relações assimétricas entre homens e mulheres e as condições de vida e trabalho das mulheres.
- Gestão Pública e cidadania: artigos voltados para gestão pública que enfatizam a exclusão social e propõem alternativas de inclusão cidadã.

No que se refere à orientação teórica dos artigos, não destacamos as influências teóricas modernistas, pós-analíticas e feministas como fizeram Davel e Alcadipani (2003), mas procuramos aprofundar suas origens por meio da identificação dos autores críticos mais citados entre os artigos selecionados de cada período: Marx, brasileiros (Guerreiro e Tragtenberg), frankfurtianos (Adorno, Horkheimer, Marcuse, Habermas), Foucault, membros relevantes do movimento CMS (Alvesson, Willmott, Parker) e autores críticos de língua francesa como Pagès, Dejours e Enriquez. Vale observar que selecionamos esses autores por conveniência (eles nos ajudam a averiguar as proposições anteriormente feitas) e que a contagem foi feita da seguinte maneira: em cada artigo considerado crítico, pesquisou-se nas referências bibliográficas quais autores dessa lista foram citados (não foram contadas citações múltiplas em um mesmo artigo); em seguida, somou-se o total de citações desses autores e calculou-se o percentual de cada um em relação a esse total. Além disso, analisamos os textos dos autores brasileiros que se destacaram por sua produção isolada e por terem sido influenciados por Guerreiro ou por Tragtenberg.

Complementarmente, realizamos um levantamento nos anais das International Critical Management Studies Conferences (1999, 2001, 2003, 2005 e 2007) com a finalidade de obter uma perspectiva panorâmica a respeito do movimento e observar suas tendências no que se refere aos EOC. Os artigos foram avaliados segundo os mesmos critérios e categorias temáticas acima descritos. No início da tarefa de classificação dos artigos das conferências CMS, impôs-se um desafio: a primeira avaliação do material revelou a existência de uma pluralidade epistemológica nos trabalhos constantes dos anais desses eventos, pois há desde trabalhos alinhados com a tradição marxista até trabalhos de cunho funcionalista.

Notamos que nem todos os trabalhos aprovados poderiam ser classificados como críticos, considerando-se os critérios de classificação utilizados, apesar de as conferências se caracterizarem como do movimento CMS, e também que havia artigos que se identificavam mais com a perspectiva interpretativista, conforme definida por

Burrell e Morgan (1979). Isso culminou no acréscimo da categoria temática *interpretativismo*, que abrange artigos voltados para as questões da compreensão dos significados sociais dos símbolos e signos da vida organizacional, além da criação de três categorias para a classificação dos artigos, posto que nem todos poderiam ser apontados como críticos:

1. Críticos: são os trabalhos alinhados à perspectiva de mudança radical e que atendem aos três critérios acima apresentados.
2. Interpretativistas: trabalhos que se preocupam com o significado dado à realidade pelos seus participantes, normalmente realizados através de pesquisas etnográficas.
3. Não enquadráveis: trabalhos que não se enquadram nos critérios de classificação, mas que apresentam alguma oposição ao *mainstream* gerencialista da Administração, ainda que a rigor pudessem ser categorizados como funcionalistas.

No total, analisamos 772 artigos, publicados nas cinco edições das conferências, sendo que 74,4% deles foram categorizados como críticos, 15,80% com não enquadráveis e 9,84% como interpretativistas. Não foi possível realizar uma análise das citações, mas, como realizamos uma leitura aprofundada das obras de seus principais representantes do CMS, é possível afirmar suas tendências predominantemente pós-estruturalistas. A seguir, apresentamos e discutimos os resultados obtidos nos levantamentos realizados.

ANÁLISE DOS RESULTADOS: UMA PERSPECTIVA COMPARADA

Os percentuais de publicação de artigos críticos no Brasil foram baixos, mas a evolução temporal (Tabela 1) demonstra que eles vêm crescendo e também confirma a primeira proposição que indica haver uma tradição de EOC antecedente ao movimento do CMS no Brasil. Isso porque foram identificados 6,38% de artigos críticos no total de artigos entre 1980-1989, com Marx vencendo no número de citações (23,81%), seguido por Tragtenberg (18,48%) e Guerreiro (15,22%) (Tabela 2). Assim, no Brasil, principalmente o marxismo e os autores nacionais deram origem à corrente crítica, mas também vale pena destacar o impacto do pensamento francês por meio de Pagès e Foucault, e da Escola de Frankfurt na figura de Marcuse, com respectivamente 10,87%, 9,78% e 8,70% das citações no mesmo período.

Os resultados (Tabelas 2 e 3) também apontam o vigor do pensamento crítico nacional, uma vez que Guerreiro (13,84%) lidera o ranking geral de citações e Tragtenberg (8,12%) aparece em sétimo lugar, mas muito próximo percentualmente do sexto colocado, que é Alvesson (8,22%), e do quinto colocado, Pagès (8,32%). A influência do marxismo também merece destaque, uma vez que Marx ocupa o quarto lugar no ranking (8,73%), seguido de perto pelo terceiro colocado, que é Foucault (8,93%), e pelo segundo colocado, Habermas (9,33%).

A década de 1990, período examinado por Davel e Alcadipani (2003) e época na qual o movimento do CMS se estruturava na Europa e nos EUA, apresentou uma queda do percentual do total de artigos críticos para 4,42%, que talvez possa ser justificada pelo avanço da visão gerencialista nessa época. Guerreiro lidera no número de citações (18,06%), seguido por Habermas (17,42%) e Pagès (12,26%), sendo perceptível uma retração do marxismo, com Marx caindo para a quinta posição (6,45%), Tragtenberg para a sétima (7,95%) e novas tecnologias e condições de trabalho para a quarta posição (7,95%), ainda que autogestão e autonomia (29,55%) lidere o ranking do período. Teoria organizacional (9,09%) e sofrimento físico e psíquico (9,09%) se destacaram, o que é coerente com a liderança de Guerreiro nas citações e com a emergência dos autores de língua francesa, pois tais temáticas são centrais para eles.

Historicamente, os dados apontam que o período de 2000 a 2004 sofreu alguma influência do movimento CMS, pois Alvesson ocupa o primeiro lugar no ranking do período (12,47%), e gênero, que costuma ter orientação pós-estruturalista, apresenta o seu melhor desempenho (6,66%). Apesar disso, vale notar que as citações dos trabalhos de Alvesson se devem principalmente ao capítulo publicado em coautoria com Deetz no *Handbook* (Alvesson; Deetz, 1999), citado por muitos pesquisadores para situar o movimento CMS, mas sem se apresentar como a linha orientadora do artigo. O mesmo não

ocorre com as citações dos trabalhos de Guerreiro e Tragtenberg que em vários textos apoiam os argumentos centrais do artigo.

Por outro lado, no período seguinte, 2005 a 2008, as citações dos trabalhos de Alvesson caem para 8,22% e ele aparece em sexto lugar: Guerreiro volta a ocupar o primeiro lugar no ranking do período e Tragtenberg supera Alvesson, alcançando quarto lugar, com 8,66%. Além disso, gênero não é abordado em nenhum artigo e autogestão e autonomia sofre uma grande recuperação, ocupando o primeiro lugar no ranking do período. Esses números sugerem certo refluxo do CMS e uma retomada da tradição nacional.

No cômputo total, no que se refere às temáticas abordadas, temos poder e ideologia (25,44%), autogestão e autonomia (20,39%), teoria organizacional (15,15%) e novas tecnologias e condições de trabalho (7,77%). A segunda temática pode ser considerada um traço distintivo da produção nacional: esta inclusive recuperou terreno nos últimos anos, enquanto gênero é a menos prestigiada, com 1,36% do total. Esse traço distintivo se reforça quando comparamos esses números com os obtidos no levantamento das conferências bianuais do movimento CMS (Tabela 4), pois autogestão e autonomia ocupa o décimo (e último) lugar, com apenas 1,30% do total, e sofrimento físico e psíquico aparece na nona colocação, com 2,07% do total. Enquanto isso, interpretativismo, que foi admitida nas hostes do movimento CMS, crítica do *management* e gênero ocupam a quarta, quinta e sexta posições respectivamente.

Em síntese, os dados coletados no levantamento dos artigos das conferências do CMS permitem apontar a presença de um pluralismo no seu escopo, que admite inclusive a presença de artigos não enquadráveis em suas mesas de trabalho. Quando confrontamos os resultados dessa pesquisa e os resultados obtidos na investigação dos EOC no Brasil, podemos notar que é válida a tese da tradição e autonomia da produção nacional. Se há algum traço teórico que distingue o movimento CMS certamente

Tabela 1 - Percentual de artigos críticos por período investigado

PERÍODOS	TOTAL	CRÍTICOS	%
1980-1989	1175	75	6,38
1990-1999	1990	88	4,42
2000-2004	1731	165	9,53
2005-2008	1554	187	12,03
Total	4896	515	7,99

é sua aproximação do pós-estruturalismo, presente especialmente em Alvesson e Willmott. No caso brasileiro, sua influência só se fez sentir mais recentemente, e, embora seja perceptível uma tendência de absorver as elaborações do CMS, há um patrimônio teórico e epistemológico autônomo que tem sido preservado.

Um fato inquietante observado no levantamento das conferências do CMS é que 15,80% do total analisado foram classificados como não enquadráveis, o que é ainda mais significativo se esse número for agrupado com os artigos de cunho interpretativista (9,84%), pois assim contabiliza-se um total de 25,64%, o que é no mínimo

Tabela 2 – Autores mais citados nos artigos críticos selecionados

CITAÇÃO	PERÍODO %	80-89	90-99	00-04	05-08	TOTAL
Guerreiro Ramos, A.		15,22	18,06	12,20	13,39	13,84
Habermas, J.		7,61	17,42	8,67	7,09	9,33
Foucault, M		9,78	3,87	9,76	9,97	8,93
Marx, K.		23,91	6,45	4,61	9,97	8,73
Pagès, M.		10,87	12,26	8,13	6,30	8,32
Alvesson, M.		1,09	3,87	12,47	7,61	8,22
Tragtenberg, M.		18,48	4,52	6,50	8,66	8,12
Enriquez, E.		3,26	9,03	8,13	6,82	7,32
Marcuse, H.		8,70	10,32	4,34	4,46	5,72
Willmott, H.		0,00	1,29	6,78	5,25	4,71
Dejours, C.		0,00	4,52	5,42	4,99	4,61
Horkheimer, M.		0,00	4,52	3,79	6,30	4,51
Adorno, T.		1,09	3,87	3,25	5,77	4,11
Parker, M.		0,00	0,00	5,96	3,41	3,51
Total		100	100	100	100	100

Tabela 3 – Percentual de temáticas classificadas nos períodos investigados

TEMÁTICAS	PERÍODO %	80-89	90-99	00-04	05-08	TOTAL
Poder e Ideologia		33,33	26,14	27,07	20,43	25,44
Autogestão e Autonomia		22,67	29,55	11,52	23,12	20,39
Teoria Organizacional		1,33	9,09	23,03	16,67	15,15
Novas Tecnologias e Condições de Trabalho		25,33	7,95	4,85	3,23	7,77
Ensino e Pesquisa em Administração		5,33	5,68	9,70	8,06	7,77
Sufrimento Físico e Psíquico		0,00	9,09	7,27	9,14	7,18
Crítica do Management		5,33	5,68	6,67	6,45	6,21
Gestão Pública e Cidadania		4,00	2,27	1,21	9,68	4,85
Gênero		1,33	3,41	6,06	0,00	1,36
Outras		1,33	1,14	2,42	0,00	1,36
Total		100	100	100	100	100

instigante para uma conferência que pretende privilegiar a perspectiva crítica. Além disso, os números demonstram uma queda do total de artigos críticos ao longo do tempo, como se pode verificar na Tabela 5.

CRÍTICOS BRASILEIROS

Para avaliarmos a segunda proposição, realizamos uma análise abrangente da obra dos autores que se destacaram no levantamento pela qualidade de sua produção e verificamos se eles sofreram influências de Guerreiro ou Tragtenberg, fato que, além de ser perceptível nos textos, por meio de citações e ideias defendidas, foi autodeclarado em algum momento pelos próprios autores. Também discutimos a influência do movimento CMS e dos estudos de língua francesa com o intuito revelar se há seguidores nacionais dessas correntes.

Seguidores de Alberto Guerreiro Ramos

Entre os seguidores de Guerreiro, em primeiro lugar

destaca-se Ramon Moreira Garcia, que realizou seu mestrado em 1976, apresentando a dissertação “Introdução aos mecanismos de controle social nas organizações” e foi orientando de Guerreiro no doutorado realizado na University of Southern California, que não chegou a concluir devido a problemas de saúde. Foi professor do Departamento de Administração e Recursos Humanos da FGV-EAESP a partir de 1971 e tinha grande interesse por cooperativas, autogestão, uso apropriado de tecnologia e questões ambientais. Intelectual irrequieto, teve dificuldades em arranjar interlocutores no meio acadêmico, e conseqüentemente sua carreira foi marcada por altos e baixos. Faleceu em 1995 sem o título de doutor que tantas vezes tentou obter (GUTIERREZ, FREITAS e CATANI, 2004).

Maurício Roque Serva de Oliveira (UFSC) é outro seguidor de Guerreiro. Obteve o título de doutor em Administração em 1996 com a tese “Racionalidade e organizações: o fenômeno das organizações substantivas”. Seu trabalho se caracteriza por uma tentativa de continuar a agenda de pesquisa deixada por Guerreiro em *A nova ciência das organizações*, fazendo uma aproximação entre

Tabela 4 – Percentual de artigos críticos distribuídos por temática – Conferências CMS

% ARTIGOS CRÍTICOS DISTRIBUÍDOS POR TEMÁTICA	PERCENTUAIS
Teoria Organizacional	21,24 %
Poder e Ideologia	15,16 %
Ensino e Pesquisa em Administração	12,82 %
Interpretativismo	9,84 %
Crítica ao <i>management</i>	8,94 %
Gênero	5,83 %
Novas Tecnologias e Condições de Trabalho	4,79 %
Gestão Pública e Cidadania	2,20 %
Sufrimento Físico e Psíquico	2,07 %
Autogestão e Autonomia	1,30 %
Total	100 %

Tabela 5 – Evolução das categorias ao longo do tempo – Conferências CMS

ANO	1999	2001	2003	2005	2007
CATEGORIAS					
Crítico	65%	85%	85%	76%	61%
Interpretativista	15%	10%	6%	6%	17%
Não enquadráveis	21%	4%	9%	18%	22%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

a racionalidade substantiva abordada por Ramos (1981) e a racionalidade comunicativa de Habermas (SERVA, 1996) para caracterizar as organizações substantivas, mais voltadas para a realização e emancipação dos grupos e indivíduos. Nos seus artigos, há citações frequentes de autores da Escola de Frankfurt. Além disso, Serva também realizou trabalhos de inspiração interpretacionista que enfatizam o uso da antropologia para estudar as organizações. Atualmente o pesquisador vem se dedicando às questões relacionadas à gestão pública e cidadania.

Fernando Guilherme Tenório (EBAPE-FGV) reconhece publicamente sua dívida intelectual com Guerreiro (TENÓRIO, 1997) em um artigo no qual descreve como este influenciou o seu pensamento. Sua tese de doutorado Engenharia pela UFRJ, *Flexibilização organizacional: mito ou realidade?*, defendida em 1996 e publicada como livro (TENÓRIO, 2000), faz um resgate da Escola de Frankfurt e busca na razão comunicativa habermasiana um caminho para mediar as relações de poder nas organizações e alcançar a emancipação. Os seus artigos tratam de questões fundamentais para Guerreiro e fazem uso recorrente de autores da teoria crítica frankfurtiana de primeira (Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse) e segunda geração (Jürgen Habermas). Tenório também vem se dedicando ao estudo da gestão pública e de organizações não governamentais tendo em vista uma perspectiva emancipatória.

Heterodoxos influenciados por Maurício Tragtenberg

Com uma grande produção de artigos no campo, Fernando Prestes Motta se destaca entre os críticos brasileiros. Foi professor da FGV-EAESP e defendeu sua tese de doutorado em Administração nessa instituição. O trabalho *Burocracia e autogestão. A proposta de Proudhon*, defendido em 1980, publicado como livro (PRESTES MOTTA, 1981), foi inspirado em uma provocação de Tragtenberg, que foi seu professor e colega de profissão, como o próprio Prestes Motta (2001) relata. Sua trajetória heterodoxa partiu de um marxismo gramsciano até chegar à psicanálise, saindo da crítica da racionalidade burocrática para chegar à centralidade da psique humana no estudo dos fenômenos organizacionais, passando por obras como *Participação e cogestão, Organização e poder, Teoria das organizações e Vida psíquica e organização* (PRESTES MOTTA, 1984, 1986a, 1986b; PRESTES MOTTA; FREITAS, 2000). Nesse percurso, abordou autores como Michel Foucault e críticos de língua francesa tais como Enriquez, Pagès e Dejours, bem como Sigmund Freud e Carl Gustav Jung, autores que estava estudando quando nos deixou, em 2003.

José Henrique de Faria, da UFPR, publicou diversos trabalhos na área estudada e atualmente é um dos críticos brasileiros mais atuantes. Obteve seu título de doutor em Administração na FEA-USP em 1986 como a tese *Comissões de fábrica: poder e trabalho nas unidades produtivas*, orientada oficialmente por Oswaldo Scaico e oficiosamente por Tragtenberg, com que conviveu e trocou muitas ideias. Seguiu seu caminho assumindo uma posição marxista, também com um toque heterodoxo pela influência de críticos psicossociais como Enriquez, Pagès e Dejours. Publicou vários livros (FARIA, 1985a, 1985b, 1987, 1992), com destaque para o recente *Economia política do poder* (FARIA 2004a, 2004b, 2004c), editado em três volumes, no qual consolida anos de pesquisa no campo dos EOC, reavaliando a questão do poder nas organizações. Vale ainda mencionar a coletânea *Análise crítica das teorias e práticas organizacionais* (FARIA, 2007), que traz artigos do autor e seus colaboradores no campo.

Movimento CMS e os estudiosos críticos de língua francesa

Os dados obtidos nos levantamentos realizados demonstraram que os autores do movimento CMS passaram a ser mais citados a partir de 2000. Já os estudiosos do indivíduo e da subjetividade nas organizações, como Enriquez e Pagès, estão presentes na década de 1980 e têm um bom número de citações na década de 1990, quando Dejours é incluído na lista de autores referenciados, bem como durante a década de 2000. No entanto, um exame acurado dos dados demonstrou que não há seguidores declarados do movimento CMS, ou dos autores de língua francesa, uma vez que não foi possível identificar um autor crítico brasileiro cuja identidade acadêmica estivesse ligada a essas correntes. Na verdade, a leitura dos textos comprovou que as citações dessa produção são realizadas de forma subsidiária, como complemento de uma identidade enraizada em autores nacionais.

Prestes Motta e Faria, por exemplo, utilizam Pagès, Enriquez e Dejours como referencial, mas foram fortemente influenciados por Tragtenberg, cujas preocupações com a questão da administração da subjetividade remontam à década de 1970. A análise dos escritos de Maria Ester de Freitas comprovou que, embora esta cite autores de língua francesa, em especial Enriquez (ver PRESTES MOTTA e FREITAS, 2000), foi orientada e influenciada por Prestes Motta e frequentemente expressa sua admiração por Tragtenberg. Tenório e Serva citam Habermas e alguns autores do movimento CMS, mas ancoram suas argumentações em Guerreiro. Além disso, de um modo geral, a leitura dos textos críticos levantados comprovou

que os pesquisadores brasileiros que fazem referência ao movimento CMS utilizam-no para marcar o viés crítico, ou mesmo apenas para citar a sua importância, mas ainda estão em busca de uma identidade acadêmica mais definida, não havendo uma opção clara pelo pós-estruturalismo entre eles.

Dessa forma, a segunda proposição não se confirma completamente, pois não foi possível identificar seguidores do movimento CMS e os estudiosos brasileiros que utilizam como referencial os autores franceses sofreram em primeiro lugar a influência de autores críticos nacionais. Assim, os EOC no Brasil representam o singular caso de um dos sentidos da redução sociológica de Ramos (1958): a assimilação crítica da cultura e produção sociológica estrangeira. No entanto, considerando a evolução dos dados, que aponta para um aumento de citações dos autores do movimento CMS, é possível que muito em breve comecem a se estabelecer seguidores no Brasil. Essa diversidade é bem-vinda, pois trará para o debate representantes do pós-estruturalismo, contribuindo para a evolução do pensamento crítico. Porém, há que se preservar a autonomia teórica e epistemológica da crítica brasileira, pois isso nos singulariza, estimulando linhas de pesquisa inspiradas no humanismo radical cultivado por Guerreiro e Tragtenberg.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS PESQUISAS

Neste artigo foi possível comprovar a tradição e a autonomia dos EOC no Brasil, marcadas pelo pensamento de Guerreiro e Tragtenberg, bem como identificar alguns críticos brasileiros alinhados com o humanismo radical – Garcia, Serva, Tenório, Prestes Motta e Faria. Além disso, verificamos que ainda não há claros seguidores do pós-estruturalismo típico do movimento CMS: sua influência aumentou a partir da década de 2000 e sofreu alguma retração a partir de 2005, mas ainda não é possível afirmar que ele tenha se constituído como uma corrente de estudos independente no Brasil. Constatamos também que a ascendência dos autores de língua francesa se deu de forma subsidiária, pois complementa a identidade de pesquisadores brasileiros, enraizada em primeiro lugar em autores nacionais.

A fim de contribuir para manter essa tradição autônoma, que nos singulariza em relação à produção internacional, identificamos algumas abordagens que podem orientar as pesquisas dos EOC no Brasil:

- trabalhos sobre teoria organizacional e sobre crítica do

management que busquem criar teorias nacionais para compreender e lidar com os fenômenos organizacionais brasileiros;

- pesquisas sobre autogestão e autonomia de acordo com as linhas teóricas e epistemológicas exploradas por Guerreiro e Tragtenberg;
- investigações sobre ensino e pesquisa em administração que se inspirem na busca da autonomia, como é o caso da pedagogia libertária de Tragtenberg e do pensamento de Paulo Freire, que também pode ser apontado como humanista radical;
- trabalhos sobre o sofrimento físico e psíquico e a administração da subjetividade alinhados como a noção de centralidade do sujeito defendida pelo humanismo radical;
- estudos sobre gênero e gestão pública que apontem caminhos para a inclusão e emancipação.

Nesse percurso, é importante resgatar os referenciais teóricos que influenciaram os críticos brasileiros. Dessa forma, vale uma releitura dos marxistas ocidentais (como Korsch, Gramsci, Sartre, Lukács), dos marxistas heterodoxos (como Rosa Luxemburgo, Pannekoek, Matick, Makhaiski) e dos anarquistas (como Kropótkin, Proudhon), assim como de textos de correntes que dialogam com o marxismo: a teoria crítica frankfurtiana e o existencialismo. Mantida a epistemologia humanista radical, as metodologias interpretativas, como por exemplo a etnografia e a análise de discurso, parecem um caminho promissor para que os EOC se consolidem no campo teórico-empírico. Estimular trabalhos de natureza empírica é importante para estabelecer uma crítica mais alinhada com a realidade brasileira e que tenha implicações práticas, como recomendavam Guerreiro e Tragtenberg, ambos adeptos da militância política. Guerreiro interferiu diretamente na cena política nacional com artigos assinados em jornais, bem como por sua atuação como deputado, e Tragtenberg tinha a coluna “No Batente” no jornal *Notícias Populares*, na qual abordava questões de interesse dos trabalhadores e cidadãos.

É fundamental, como recomenda Bronner (1997), que os EOC busquem uma direção positiva mas alinhada com a práxis, ou seja, é importante que haja um interesse prático nas questões sociais, mas que se mantenha a intenção emancipatória. É ainda importante perceber que não basta a crítica pela crítica: a utopia e a práxis também precisam estar presentes nas preocupações dos pesquisadores, pois a perspectiva de mudança social é um dos pilares fundamentais dos estudos de inspiração humanista radical.

NOTA DE AGRADECIMENTO

Agradecemos ao CNPq e FAPEMIG pelo apoio financeiro à pesquisa.

REFERÊNCIAS

ACCIOLE E SILVA, D; MARRACH, S. *Maurício Tragtenberg*. Uma vida para as ciências humanas. São Paulo: Unesp, 2001.

ALCADIPANI, R. Réplica: a singularização do plural. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 9, n. 1, p. 213-222, jan./mar. 2005.

ALVESSON, M. *Organization theory and technocratic consciousness: rational ideology and quality of work*. New York: Walter de Gruyter, 1987.

ALVESSON, M. *Postmodernism and social research*. Philadelphia: Open University Press, 2002.

ALVESSON, M; WILLMOTT, H. *Critical Management Studies*. London: Sage, 1992a.

ALVESSON, M; WILLMOTT, H. On the idea of emancipation in management and organization studies. *Academy of Management Review*, v. 17, n. 3, p. 432-464, 1992b.

ALVESSON, M; WILLMOTT, H. (Eds) *Making sense of management*. A critical analysis. London: Sage, 1993.

ALVESSON, M; DEETZ, S. Critical theory and postmodernism approaches to organizational studies. In: CLEGG, S; HARDY, C; NORD, W. R. (Eds) *Handbook of Organization Studies*. London: Sage, 1996.

BERTERO, C. O; CALDAS, M. P; WOOD JR, T. Produção científica em administração de empresas: provocações, insinuações e contribuições para um debate local. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 3, n. 1, p. 147-178, jan./abr. 1999.

BRONNER, S. E. *Da teoria crítica e seus teóricos*. Campinas: Papirus, 1997.

CALDAS, M; FACHIN, R; FISCHER, T; CLEGG, S; HARDY, C; NORD, W. R. (Eds) *Handbook de estudos organizacionais*. São Paulo: Atlas, 1999.

CARRIERI, A. P; RODRIGUES, S. B. A tradição anglo-saxônica nos estudos organizacionais brasileiros. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 5, edição especial, p. 81-102, 2001.

CLEGG, S; HARDY, C; NORD, W. R. (Eds) *Handbook of Organization Studies*. London: Sage, 1996.

DAVEL, E; ALCADIPANI, R. Estudos críticos em administração: a produção científica brasileira nos anos 1990. *Revista de Administração de Empresas*, v. 43, n. 4, p. 72-85, out./dez. 2003.

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Oboré, 1987.

DEJOURS, C. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C. *O fator humano*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

ENRIQUEZ, E. *Liminaire social, refoulement e et répression dans les organizations*. *Connexions*, 3, 1972.

ENRIQUEZ, E. *De la horde à l'État*. Paris: Gallimard, 1983.

ENRIQUEZ, E. *L'organization en analyse*. Paris: PUF, 1992.

ENRIQUEZ, E. *Les jeux du pouvoir et du désir dans l'entreprise*. Paris: Desclée de Brouwer, 1997.

FARIA, J. H. *O autoritarismo nas organizações*. Curitiba: Criar, 1985a.

FARIA, J. H. *Relações de poder e formas de gestão*. 2. ed. Curitiba: Criar, 1985b.

FARIA, J. H. *Comissões de fábrica: poder e trabalho nas unidades produtivas*. Curitiba: Criar, 1987.

FARIA, J. H. *Tecnologia e processo de trabalho*. Curitiba: Editora da UFPR, 1992.

FARIA, J. H. *Economia política do poder: fundamentos*. v. 1. Curitiba: Juruá, 2004a.

FARIA, J. H. *Economia política do poder: uma crítica da teoria geral da administração*. v. 2. Curitiba: Juruá, 2004b.

FARIA, J. H. *Economia política do poder: as práticas do controle nas organizações*. v. 3. Curitiba: Juruá, 2004c.

FARIA, J. H. (Org) *Análise crítica das teorias e práticas organizacionais*. São Paulo: Atlas, 2007.

GUTIERREZ, G. L; FREITAS, M. E; CATANI, A. M. Em busca da organização democrática: a trajetória de Ramon Moreira Garcia. *RAE-revista de administração de empresas*, v. 44, n. 2, p. 109-113, 2004.

- MISOCZKY, M. C.; AMANTINO-DE-ANDRADE, J. Uma crítica à crítica domesticada nos estudos organizacionais. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 9, n. 1, p. 193-211, jan./mar. 2005a.
- MISOCZKY, M. C.; AMANTINO-DE-ANDRADE, J. Tréplica: quem tem medo do fazer acadêmico como práxis? *Revista de Administração Contemporânea*, v. 9, n. 1, p. 239-245, jan./mar. 2005b.
- PAES DE PAULA, A. P.; ALCADIPANI, R. Apresentação – Fórum Estudos Críticos em Administração. *RAE-eletrônica*, v. 3, n. 2, 2004. Disponível em: <http://www16.fgv.br/rae/electronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=2375&Secao=FOR.ESTCRI&Volume=3&numero=2&Ano=2004>. Acesso em 01.12.2009.
- PAGÈS, M. *A vida afetiva dos grupos*: esboço de uma teoria da relação humana. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edusp, 1976.
- PAGÈS, M. *O poder das organizações*. A dominação das multinacionais sobre os indivíduos. São Paulo: Atlas, 1987.
- PARKER, M. Life after Jean François. In: HASSARD, J; PARKER, M. *Postmodernism and Organizations*. London: Sage, 1993.
- PARKER, M. Critique in the name of what? Postmodernism and critical approaches to organization. *Organization Studies*, v. 16, n. 4, p. 553-564, 1995.
- PARKER, M. Capitalism, subjectivity and ethics: debating labour process analysis. *Organization Studies*, v. 20, n. 1, p. 25-45, 1999.
- PARKER, M. Fucking management: queer, theory and reflexivity. *Ephemera*, v. 1, n. 1, p. 36-53, 2001.
- PARKER, M. *Against Management: Organization in the Age of Managerialism*. Cambridge: Polity Press; Blackwell Publishers, 2002.
- PARKER, M. Stockholm syndrome. *Management Learning*, v. 37, n. 1, p. 39-41, 2006.
- PETERS, M. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Uma introdução. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- PRESTES MOTTA, F. C. *Burocracia e autogestão*: a proposta de Proudhon. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- PRESTES MOTTA, F. C. *Participação e cogestão*. Novas formas de administração. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- PRESTES MOTTA, F. C. *Organização e poder*: empresa, Estado e escola. São Paulo: Atlas, 1986a.
- PRESTES MOTTA, F. C. *Teoria das organizações*: evolução e crítica. São Paulo: Pioneira, 1986b.
- PRESTES MOTTA, F. C. Mauricio Tragtenberg: desvendando ideologias. *RAE-revista de administração de empresas*, v. 41, n. 3, p. 64-68, jul./set. 2001.
- RAMOS, A. G. *Cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo*: prefácio a uma sociologia nacional. Rio de Janeiro: Cândido Mendes Júnior, 1954.
- RAMOS, A. G. *Mito e realidade da revolução brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.
- RAMOS, A. G. *A redução sociológica*. Introdução ao estudo da razão sociológica. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.
- RAMOS, A. G. A modernização em nova perspectiva: em busca do modelo da possibilidade. *Revista de Administração Pública*, v. 1, n. 2, p. 7-44, 2º sem. 1967.
- RAMOS, A. G. Models of man and administrative theory. *Public Administration Review*, v. 32, n. 3, p. 241-246, may/june 1972.
- RAMOS, A. G. A teoria administrativa e a utilização inadequada de conceitos. *Revista de Administração Pública*, v. 7, n. 3, p. 5-17, jul./set. 1973.
- RAMOS, A. G. Theory of social system delimitation, a preliminary statement. *Administration & Society*, v. 8, n. 2, p. 249-272, 1976.
- RAMOS, A. G. *A nova ciência das organizações*: uma reconceitualização da riqueza das nações. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1981.
- RAMOS, A. G. *Administração e contexto brasileiro*. Elementos de uma sociologia especial da administração. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1983. (Título da primeira edição, de 1966: *Administração e a estratégia do desenvolvimento*. Elementos de uma sociologia especial da administração.)
- RAMOS, A. G. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- SERVA, M. *Racionalidade e organizações*. O fenômeno das organizações substantivas. 1996. 2 v. Tese de Doutorado em Administração de Empresas, Escola de Administração de Empresas da Fundação Getulio Vargas, São Paulo, 1996.
- TENÓRIO, F. G. Superando a ingenuidade: minha dívida a Guerreiro Ramos. *Revista de Administração Pública*, v. 31, n. 5, p. 29-44, set./out. 1997.
- TENÓRIO, F. G. *Flexibilização organizacional*: mito ou realidade? Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.

- TRAGTENBERG, M. *Planificação: desafio do século XIX*. São Paulo: Senzala, 1956.
- TRAGTENBERG, M. *Burocracia e ideologia*. São Paulo: Ática, 1974.
- TRAGTENBERG, M. Max Weber e a Revolução Russa. *Estudos Cebrap*, n. 18, p. 45-70, out./nov./dez. 1976.
- TRAGTENBERG, M. *A delinquência acadêmica: o poder sem saber e o saber sem poder*. São Paulo: Rumo Gráfica Editora, 1979.
- TRAGTENBERG, M. *Administração, poder e ideologia*. São Paulo: Moraes, 1980a.
- TRAGTENBERG, M. Lages, a cidade onde o povo tem o poder. *Folha de S.Paulo*, 26.12.80b.
- TRAGTENBERG, M. *Marxismo heterodoxo*. São Paulo: Brasiliense, 1981a.
- TRAGTENBERG, M. Criada a comissão de fábrica da Asama. *Notícias Populares*, 10.01.1981b.
- TRAGTENBERG, M. Costureiras mostram que cooperativismo pode ser possível. *Folha de S.Paulo*, 10.01.81c.
- TRAGTENBERG, M. Administração comunitária ressuscitou Boa Esperança. *Folha de S.Paulo*, 04.01.81d.
- TRAGTENBERG, M. Organização popular, a saída lúcida. *Folha de S.Paulo*, 15.03.81e.
- TRAGTENBERG, M. Administración participativa en Brasil: Lages y Boa Esperança. *Revista Interamericana de Planificación*, n. 63-64, p. 245-258, sep./dic. 1982.
- TRAGTENBERG, M. Marx/Bakúnin: ou marxismo e anarquismo. *Revista Educação & Sociedade*, n. 23, p. 84-103, abr. 1986a.
- TRAGTENBERG, M. *Reflexões sobre o socialismo*. São Paulo: Moderna, 1986b.
- TRAGTENBERG, M. *Kropótkin*. Textos escolhidos. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- TRAGTENBERG, M. Rosa Luxemburgo e a crítica dos fenômenos burocráticos. In: LOUREIRO, I. M.; VIGEVANI, T. *Rosa Luxemburgo: a recusa da alienação*. São Paulo: Unesp, 1991.
- VALDERDE, A. J. R. A inteligência do orientador. *RAE-revista de administração de empresas*, v. 41, n. 3, p. 60-63, jul./set. 2001.
- VERGARA, S. C.; PINTO, M. C. S. Referências teóricas em análise organizacional: um estudo das nacionalidades dos autores referenciados na literatura brasileira. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 5, edição especial, p.103-121, 2001.
- VIEIRA, M. M. F.; CALDAS, M. P. Teoria crítica e pós-modernismo: principais alternativas à hegemonia funcionalista. *RAE-revista de administração de empresas*, v. 46, n. 1, p. 59-68, jan./mar. 2006.
- WILLMOTT, H. Images and ideal of managerial work. *Journal of Management Studies*, v. 21, n. 3, p. 349-368, 1984.
- WILLMOTT, H. Studying managerial work: a critique and a proposal. *Journal of Management Studies*, v. 24, n. 3, p. 249-270, 1987.
- WILLMOTT, H. Pushing at an open door: mystifying the CMS Manifesto. *Management Learning*, v. 37, n. 1, p. 33-37, 2006.